

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Mudança fônica em progresso no português de contato: palatalização de /t d/ e vocalização de /l/ numa comunidade ítalo-brasileira. *ReVEL*, edição especial n. 13, 2016. [www.revel.inf.br].

MUDANÇA FÔNICA EM PROGRESSO NO PORTUGUÊS DE CONTATO: PALATALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ E VOCALIZAÇÃO DE /l/ NUMA COMUNIDADE ÍTALO-BRASILEIRA

Elisa Battisti¹

Adalberto Ayjara Dornelles Filho²

elisa.battisti@ufrgs.br

aadornef@ucs.br

RESUMO: Resultados de análises de regra variável em tempo real, estudo de tendência (Labov 1994) da palatalização de /t/ e /d/ e da vocalização de /l/ em coda no português de contato falado em Flores da Cunha (RS) (Battisti e Dornelles Filho 2015, Battisti e Moras 2016) com dados do VARSUL e do BDSer são complementados com análise de regressão logística das proporções de aplicação da palatalização e da vocalização em função da idade de estabilização do sistema fonológico dos informantes. A análise estatística sugere que os processos, em progressão na comunidade, correlacionam-se, exibindo padrões diferenciado para sexo/gênero. Verifica-se que mudança geracional e mudança comum (Labov 1994) são os padrões de variação e mudança em tempo real da palatalização e da vocalização, respectivamente, e o avanço das regras segue mudanças sociais experimentadas pela comunidade principalmente nas últimas décadas.

PALAVRAS-CHAVE: palatalização de /t/ e /d/; vocalização de /l/ em coda; português brasileiro de contato; análise de regra variável em tempo real.

ABSTRACT: Real time, variable rule analyses, trend studies (Labov 1994) of the palatalization of /t/ and /d/ and of the vocalization of /l/ in coda position in Brazilian Portuguese spoken in Flores da Cunha (Rio Grande do Sul, Brazil) (Battisti and Dornelles Filho 2015, Battisti and Moras 2016) are complemented with logistic fit analyses of the proportions of application of palatalization and vocalization by the age of stabilization of the phonological system of the informants. The processes, progressing in Flores da Cunha, are correlated and follow different patterns by sex/gender. Generational change and communal change (Labov 1994) are the patterns of variation and change in real time of the palatalization and of the vocalization, respectively. The progress of the rules accompanies social changes verified in the community in the last decades.

KEYWORDS: palatalization of /t/ and /d/; vocalization of /l/ in coda position; Brazilian Portuguese; real time variable rule analysis.

¹ Doutor em Letras - Linguística; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/CNPq.

² Mestre em Matemática Aplicada Computacional; Universidade de Caxias do Sul – UCS.

INTRODUÇÃO

Implantado no Brasil a partir do século XVI, o português é hoje a língua materna de mais de duzentos milhões³ de pessoas. Embora guarde traços do contato com línguas indígenas (predominantemente dos grupos tupi-guarani e jê), africanas (em especial dos troncos afro-asiático e congo-cordofiano) e de imigração (principalmente italiano, alemão, espanhol, polonês), conforme Raso, Mello e Altenhofen (2011), sotaques regionais, escolhas lexicais distintas e eventuais diferenças morfossintáticas não comprometem a intercompreensão. Dão corpo a variedades como a que se abordará neste estudo, voltado a processos fonético-fonológicos variáveis no português brasileiro de contato⁴ com falares dialetais italianos. Embora em progresso, esses processos concorrem para aproximar, e não afastar o português local das demais variedades de português brasileiro.

A comunidade de fala aqui contemplada é Flores da Cunha, pequeno município fundado por imigrantes italianos no final do século XIX, localizado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS), a nordeste do estado. Como ocorre na maioria dos municípios da RCI-RS, a população de Flores da Cunha (estimada em vinte e nove mil, cento e noventa e seis pessoas em 2015 pelo IBGE⁵) distribui-se numa zona rural relativamente extensa e menos populosa do que a zona urbana. Dedicados a atividades econômicas que vão do cultivo de hortifrutigranjeiros e criação de animais ao comércio, prestação de serviços e indústria (moveleira, de vinhos e suco de uva), os habitantes de Flores da Cunha usam português em suas interações sociais. Aqueles que ainda falam dialetos italianos⁶ são idosos e vivem principalmente na zona rural. Os dialetos têm seu uso restrito sobretudo ao convívio com familiares e amigos íntimos.

Como resultado, apenas alguns traços fonético-fonológicos do contato com dialetos italianos caracterizam hoje o português local: emprego de vibrante simples

³ A população brasileira estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é 206.350.526 de pessoas. Informação disponível em <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em 27 de agosto de 2016.

⁴ Neste estudo, distinguem-se *línguas em contato* de *línguas de contato*. A primeira situação ocorre em contexto de bilinguismo. A segunda situação, quando tal contexto já cessou e as variedades linguísticas emergentes do contato apresentam traços lexicais, sintáticos, morfológicos, fonológicos “desenvolvidos ao longo do contínuo interlinguístico” (Mello e Raso 2011).

⁵ Informação disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 27 de agosto de 2016.

⁶ Frosi e Raso (2011: 326) esclarecem que se destinaram à RCI-RS imigrantes de vinte províncias localizadas em quatro regiões da Itália setentrional: Vêneto, Lombardia, Trentino Alto-Ádige e Friuli Vêneto-Vêneto. Vinte, então, é o número de dialetos que os pesquisadores consideram terem sido falados na RCI-RS até aproximadamente 1910.

onde se espera a múltipla ou suas alternantes fricativas (*cachorro~cachoro*), alternância *-ão~ -on* (*mão-mon*), entre outros (Frosi e Mioranza 1983), mas estão em declínio (Battisti e Martins 2011). Por outro lado, processos já avançados em outros municípios gaúchos e brasileiros, como a palatalização de /t/ e /d/ antes de vogal anterior alta (*tia~[tʃ]ia*, *dia~[dʒ]ia*, *gente~gen[tʃ]*, *onde~on[dʒ]*) e a vocalização de /l/ em coda silábica (*almoço~a[w]moço*, *futebol~futebo[w]*), vêm progredindo. É o que constata análises de regra variável em tempo aparente (Labov 1994) sobre a palatalização (Bisol 1991, Almeida 2000, Battisti et al. 2007, Matté 2009, Battisti e Dornelles Filho 2012) e sobre a vocalização (Quednau 1993, Dal Mago 1998, Tasca 1999, Battisti e Moras 2015) desenvolvidas com dados de fala de diferentes comunidades, incluindo algumas da RCI-RS.

O presente estudo tem o objetivo de esclarecer padrões de variação na mudança fônica em progresso no português brasileiro de contato. Investiga os processos de palatalização de /t/ e /d/ e de vocalização de /l/ no português falado em Flores da Cunha num período de vinte anos. Usa a base de dados de duas análises de regra variável realizadas em tempo real (Labov 1994), a de Battisti e Dornelles Filho (2015) e de Battisti e Moras (2016), análises que foram possíveis graças à existência de entrevistas sociolinguísticas com informantes desse município em dois bancos de dados, VARSUL (PUCRS, UFRGS, UFSC, UFPR) e BDSer (UCS).

A análise estatística dos dados revela haver alguma correlação na progressão dos dois processos, com um padrão diferenciado para sexo/gênero. Mostra que tanto o incremento na proporção total de aplicação das regras quanto a diferenciação por sexo/gênero podem estar associados à urbanização experimentada pela comunidade e explicados tanto pelos modelos de mudança geracional e mudança comum, quanto pelo pressuposto da assimetria na transmissão linguística (Labov 2010), noções teóricas abordadas na próxima seção. Depois, caracterizam-se palatalização de /t/ e /d/ e vocalização de /l/ em termos fonéticos e fonológicos, e revisam-se análises anteriores desses processos. Passa-se em seguida à metodologia, aos resultados da análise e chega-se enfim à conclusão.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na perspectiva da Teoria da Variação (Labov 1972, 1994, 2001), entende-se que processos variáveis como a palatalização de /t/ e /d/ e a vocalização de /l/ em coda não aconteçam aleatoriamente. Sistemáticos, são influenciados por uma série de fatores, que podem ser tanto de ordem social – como gênero, idade, escolaridade – quanto de ordem gramatical – como contexto fonológico precedente e seguinte, tonicidade. A interação dos fatores extralinguísticos e linguísticos e sua força no condicionamento dos fenômenos variáveis são expressos em *regras variáveis*, que também mostram como a língua se organiza enquanto sistema heterogêneo. A análise de regra variável, portanto, é o estudo por métodos quantitativos dos condicionamentos que levam uma regra a aplicar-se em uma comunidade de fala, bem como do estágio em que a regra se encontra no processo de mudança.

O tratamento da variação e mudança linguística por análise de regra variável pode se dar *em tempo aparente* e *em tempo real* (Labov 1994).

Observar a mudança em tempo aparente é analisar a aplicação da regra variável por falantes de diferentes idades. Dividem-se os falantes em grupos etários, que vão dos mais jovens aos mais velhos. O pressuposto é o de que os indivíduos de maior idade representam a fala de gerações anteriores e que seu padrão de uso linguístico desaparecerá com eles. Os mais jovens levarão adiante seu padrão, representando agora o que a língua poderá ser no futuro.

A análise de regra variável em tempo real considera dados de momentos relativamente distantes de uma comunidade. Metodologicamente, esse tipo de análise pode ser realizado de duas formas: comparando-se estudos atuais com estudos mais antigos, ou repetindo-se a análise após um lapso de tempo. No primeiro caso, o investigador se reporta à literatura procurando estudos anteriores sobre o fenômeno de interesse para, então, compará-los com seus resultados. Esse método é o mais simples, mas encontra dificuldades. São reduzidas as chances de que estudiosos, anos atrás, tivessem se interessado pelas mesmas questões hoje relevantes ou que tivessem lidado com os dados da mesma maneira (escolha de variáveis e fatores, por exemplo). Outra possibilidade de análise de regra variável em tempo real é a de retornar à comunidade anos depois e repetir um estudo já realizado, recontatando os informantes estudados anteriormente (*estudo de painel*) ou obtendo dados com outros informantes, mas de mesmo perfil (*estudo de tendência*).

Na análise de regra variável em tempo real, tanto o estudo de painel quanto o de tendência podem usar como fonte de dados entrevistas sociolinguísticas realizadas pelo próprio autor ou disponíveis em bancos de dados de fala. O presente trabalho relaciona-se a duas análises em tempo real do tipo estudo de tendência (Battisti e Dornelles Filho 2015, Battisti e Moras 2016) que utilizaram dados levantados de entrevistas sociolinguísticas com informantes de Flores da Cunha pertencentes a dois bancos, o do Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil, PUCRS, UFRGS, UFSC, UFPR), dos anos 1990, e o do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, UCS), realizadas entre 2008 e 2009.

O acervo do VARSUL em sua amostra-base conta com duzentas e oitenta e oito entrevistas de municípios dos três estados da região sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Foram coletadas amostras na capital e em outros 3 municípios do interior de cada estado. As gravações são de aproximadamente quarenta e cinco minutos. Nelas, os informantes relatam aspectos de sua vida pessoal, cotidiano, história da cidade, entre outros assuntos. Os informantes são estratificados de acordo com a idade (de 25 a 50 anos e 50 anos ou mais), a escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e o gênero (masculino e feminino).

O acervo do BDSer, iniciado em agosto de 2000, contém duzentas e vinte e três entrevistas realizadas em municípios da RCI-RS: cinquenta e cinco de informantes de Caxias do Sul, cinquenta e cinco de São Marcos, cinquenta e sete de Antônio Prado e cinquenta e seis de Flores da Cunha. As gravações das entrevistas têm duração média de quarenta e cinco minutos e, como as entrevistas do VARSUL, giram em torno de temas do cotidiano, para que se obtenham dados o mais próximo possível a uma conversa espontânea. A estratificação dos informantes considera gênero (masculino e feminino), idade (18-29 anos, 30-49 anos, 50-69 anos, 70 ou mais anos), escolaridade (Fundamental-1^a a 4^a série, Fundamental-5^a a 8^a série, Médio, Superior) e local de residência (zona urbana, zona rural).

A pesquisa na linha laboviana tem revelado que, na variação e mudança em progresso, o sexo/gênero feminino em geral lidera a aplicação de processos variáveis, principalmente aqueles cuja alternante inovadora seja socialmente prestigiada. Mas esse fator em isolado não explica os diferentes padrões de progressão. De acordo com

Labov (1994: 83-84) e o padrão da mudança geracional⁷ (*generational change*, em inglês), por exemplo, nosso sistema fonológico está definido na juventude e se estabiliza na vida adulta. O aumento regular nas proporções de aplicação de regras variáveis, decorrente do processo natural de aquisição da linguagem e passível de verificação interindividual (entre indivíduos de diferentes idades, não na fala individual), é incrementado de geração a geração, gradualmente, o que leva à mudança no padrão de fala da comunidade⁸ ao longo do tempo. O autor afirma que esse é o padrão típico da variação e mudança fônica e morfológica.

Já pelo pressuposto da assimetria na transmissão linguística (*asymmetry of language transmission*, em inglês), também de Labov (2010: 198), homens da geração mais velha (geração 1) não se envolvem na mudança, homens entre 30 e 50 anos (geração 2) são os primeiros a terem mães afetadas pelos processos e mostram um incremento rápido nos valores de aplicação equivalentes aos de suas mães (entre 50 e 70 anos de idade). Assim, homens estarão cerca de uma geração atrás de suas mães até o fim do processo, quando a diferença de sexo/gênero diminui. Isso pode explicar o fato de o sexo/gênero feminino consistentemente liderar processos de variação na mudança em progresso, o que vem se constatando nas análises de regra variável dos dois processos em questão.

⁷ Labov (1994: 83-84) afirma que a interpretação dos resultados de análises de variação linguística em tempo real deve se orientar por modelos de como indivíduos e comunidade mudam, ou não, seu padrão de fala ao longo do tempo, a partir da idade adulta. Propõe quatro padrões: (1) estabilidade (*stability*, em inglês), com estabilidade individual e na comunidade; (2) gradação etária (*age-grading*, em inglês), com instabilidade individual, mas estabilidade na comunidade; (3) mudança geracional (*generational change*, em inglês), com estabilidade individual, mas instabilidade na comunidade; (4) mudança comum (*comunal change*, em inglês), com instabilidade tanto individual quanto na comunidade.

⁸ Estudos como o de Harrington (2006), uma análise fonético-acústica de dados longitudinais da realização da vogal /i/ em inglês (num vocábulo como *happy*, por exemplo), problematizam esse pressuposto e parecem trazer evidências contrárias a ele. Os resultados do estudo, no entanto, mostram que as mudanças fonéticas verificadas ao longo da vida adulta na fala individual são marginais e conformam-se ao padrão de fala da comunidade. Nas palavras do autor, “à medida que a mudança fônica tem lugar na comunidade, ela exerce influência gradual e talvez imperceptível nas categorias fonéticas dos adultos num longo período de tempo, como sugere a posição neogramática” (Harrington 2006: 454).

2. OS PROCESSOS VARIÁVEIS DE PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ E VOCALIZAÇÃO DE /l/ NO PORTUGUÊS DO RIO GRANDE DO SUL

Antes de revisar análises anteriores dos processos, faz-se uma caracterização dos mesmos em termos fonéticos e fonológicos.

2.1 CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A palatalização de /t/ e /d/ (*tipo~[tʃ]ipo*, *dica~[dʒ]ica*, *pote~po[tʃ]*, *rede~re[dʒ]i*) é um processo assimilatório que afeta as consoantes em seu ponto de articulação – a ponta da língua passa a tocar uma porção maior do articulador passivo, dos alvéolos ao palato duro, pelo erguimento da língua necessário à produção da vogal anterior alta seguinte – e também em seu modo de articulação – africatação das consoantes, isto é, um pequeno escape de ar ao final de sua articulação, pelo aumento do tempo de soltura.

Em termos fonológicos e pela perspectiva linear do SPE⁹, a palatalização é concebida como processo que afeta as consoantes plosivas [+coronal] em sua altura: elas passam de [-alto] para mais [+alto], por assimilação à vogal anterior alta seguinte. A africatação decorre da alteração do traço [-metástase retardada] para [+metástase retardada]. Já na perspectiva Autossegmental e pela Geometria de Traços¹⁰, pode-se conceber a palatalização, tal qual faz Hora (1990, 1993), como mudança de uma consoante simples para complexa: o traço [coronal] da vogal¹¹ se espalha ao nó de Ponto da consoante, convertendo [+anterior] em [-anterior]. A consoante passa, assim, a ter uma articulação primária (consonantal) e uma secundária (vocálica), daí sua complexidade.

Já a vocalização da lateral em coda silábica (*sal~sa[w]*, *mel~me[w]*, *volta~vo[w]ta*, *filme~fi[w]me*) é um processo de redução ou enfraquecimento consonantal. A consoante lateral não se manifesta propriamente como alveolar, mas alveolar velarizada. Se houver a supressão da elevação da ponta da língua junto aos dentes ou alvéolos e também o arredondamento dos lábios, ocorre a alteração chamada vocalização. Collischonn (2014: 90) explica que essa mutação enfraquece a

⁹ *Sound Pattern of English*, de Chomsky e Halle (1968)

¹⁰ De Goldsmith (1976) e Clements (1985), respectivamente.

¹¹ Na Geometria de Traços, vogais anteriores e consoantes alveolares são [coronal].

consoante, que passa a ser percebida como próxima de [w], levando os falantes a realizar o vocoide em lugar da consoante.

As alterações articulatórias e perceptuais associadas à vocalização da lateral devem-se ao fato de a consoante ocupar coda silábica, posição que, conforme Goldsmith (1990), licencia menos contrastes do que o *onset*. Sem traço de ponto de articulação de consoante, a lateral em coda tende a manifestar-se como [w], segmento que, além de ser articulatoriamente similar à lateral, é uma aproximante menos marcada do que as coronais na hierarquia de ponto de articulação (De Lacy 2006: 128).

Tanto na palatalização de /t/ e /d/ quanto na vocalização de /l/, as alterações segmentais são, portanto, motivadas foneticamente e desencadeadas por restrições linguísticas ou estruturais. E o que determina a diversidade nas proporções de palatalização, como também os padrões de progressão da regra? Análises de regra variável sugerem que a resposta a essa questão esteja na interação dos condicionadores linguísticos com aspectos sociais das comunidades de fala investigadas.

2.2 ANÁLISES DE REGRA VARIÁVEL EM TEMPO APARENTE

São muitos os estudos de palatalização de /t/ e /d/ e de vocalização de /l/ no português brasileiro. A breve revisão de literatura que se faz aqui dá atenção somente a análises anteriores em Flores da Cunha ou comunidades similares e com dados dos dois bancos de interesse, VARSUL e BDSer.

2.2.1 PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/

Almeida (2000) utilizou vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas de informantes do VARSUL para investigar a palatalização em Flores da Cunha (RS). Verificou uma proporção total de aplicação da regra de 47%. Controlou as variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Sonoridade, Tonicidade, Tipo de Vogal Alta; e as variáveis extralinguísticas Idade, Escolaridade e Gênero. Sua análise revelou que os fatores favorecedores da palatalização são, no contexto precedente, as consoantes vibrante e fricativa alveolar, e vogal; no contexto seguinte, as consoantes lateral e labial; no alvo da regra, a consoante oclusiva surda /t/ e, no

gatilho, vogal alta derivada de /e/ átono, ambos em sílaba postônica final. As três variáveis sociais mostraram-se relevantes: promovem a palatalização as mulheres, os indivíduos que completaram o ensino médio e aqueles com menos de 50 anos de idade, o que leva o autor a afirmar a existência de mudança em progresso na comunidade, conduzida pelas mulheres ao adotarem a variante de maior prestígio.

Battisti e Dornelles Filho (2012) investigaram a palatalização de /t/ e /d/ em Flores da Cunha (RS) com dados de quarenta e oito entrevistas sociolinguísticas do BDSer. Verificaram uma proporção total de aplicação da regra de 29%. O processo é condicionado tanto linguisticamente quanto socialmente: jovens, vogal-gatilho alta fonológica, habitantes de zona urbana e consoante-alvo desvozeada favorecem a palatalização. Embora tenham constatado que o processo tende a progredir na comunidade, a análise da variação como prática social (Eckert 2000) com o estudo da rede social dos informantes mostrou que a alta densidade da rede, nucleada por informantes de grupos etários mais velhos, refreia a palatalização. O estudo etnográfico revela que os habitantes de Flores da Cunha, em especial os jovens, realizam práticas sociais inovadoras ao lado de práticas tradicionais, introduzindo a palatalização na comunidade. O emprego das formas palatalizadas é valorado como não local e é relativamente prestigiado.

Tanto o estudo de Almeida (2000) quanto o de Battisti e Dornelles Filho (2012) envolveram análise de regra variável em tempo aparente. Poderiam viabilizar análise de regra variável em tempo real por comparação de resultados. No entanto, esses não são comparáveis porque o desenho das análises em termos de estratificação etária e quantidade de dados não é o mesmo. Isso talvez explique por que nos dados do VARSUL tenha se verificado 47% de palatalização (Almeida 2000) e, nos do BDSer, 29% (Battisti e Dornelles Filho 2012).

Por isso, Battisti e Dornelles Filho (2015) empreenderam análise de regra variável em tempo real, estudo de tendência, da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em Flores da Cunha com dados do VARSUL e do BDSer, empregando quantidade de dados e procedimentos comparáveis. Consideraram apenas dados com vogal /e/ em sílaba átona em que houve a efetiva elevação da vogal. É o que se verá na seção 2.3. Antes, revisam-se análises em tempo aparente da vocalização de /l/, contemplando-se, como no caso da palatalização, apenas estudos realizados com dados do VARSUL e do BDSer, na comunidade de Flores da Cunha ou em comunidade de perfil similar.

2.2.2 VOCALIZAÇÃO DE /l/

Quednau (1993) analisou a fala de sessenta informantes de quatro regiões geográficas do Rio Grande do Sul: metropolitana (Porto Alegre), fronteira (representada pela cidade de Santana do Livramento, zona de contato português-espanhol), de colonização alemã (representada pelo município de Taquara) e de colonização italiana (representada pela localidade de Monte Bérico, distrito de Veranópolis). O *corpus* foi coletado por Leda Bisol, para sua tese de doutorado, de 1981, e hoje integra o acervo VARSUL. Utilizando a vocalização da lateral como variável dependente, Quednau (1993) encontrou uma proporção total de 45% de aplicação da regra, com a seguinte distribuição: 91% em Porto Alegre, 27% em Santana do Livramento, 23% em Monte Bérico e 20% em Taquara. Verificou que a vocalização é favorecida pelos metropolitanos e desfavorecida tanto pelos fronteirios, quanto pelos descendentes de italianos e alemães. As variáveis sociais Idade e Sexo mostraram-se inexpressivas, mas o acento tônico e pretônico, as vogais médias anteriores e posteriores como contexto fonológico precedente, consoantes altas como contexto seguinte e a lateral em composições e sufixos especiais *-mente* e *-zinho* favoreceram a aplicação da regra.

Tasca (1999) analisou dados de fala de quatro comunidades de descendentes de imigrantes do Rio Grande do Sul, a partir de vinte entrevistas cada, realizadas no início dos anos 1990 e integrantes do banco de dados VARSUL. As comunidades são a capital do estado, Porto Alegre (descendentes de açorianos); no interior, Flores da Cunha (descendentes de italianos), Panambi (descendentes de alemães) e São Borja (fronteirios, em contato com o espanhol). Por não ter encontrado indícios de vocalização no interior, Tasca investigou a alternância entre lateral velarizada e vocalização em Porto Alegre, e a alternância entre lateral alveolar e lateral velarizada em comunidades do interior do estado. Na capital, a proporção total de ocorrência de lateral velarizada é de 54%. Homens, indivíduos maiores de 50 anos e informantes do nível primário favorecem a realização da lateral velarizada em Porto Alegre, assim como palavras em que a lateral ocupa posição final ou interior de palavra simples e posição tônica. Já nas comunidades do interior, a proporção de ocorrência da lateral alveolar em Flores da Cunha e Panambi é de 71% e 77%, respectivamente, enquanto em São Borja é de 24%. Como em Porto Alegre, os homens, informantes maiores de

50 anos e do nível primário condicionam o emprego da lateral alveolar; a lateral em posição final ou interior de palavra simples e os contextos que possuem lateral em posição tônica também favorecem a realização alveolar.

Battisti e Moras (2015) analisaram a vocalização de /l/ em coda silábica apenas em Flores da Cunha. Usaram dados levantados de quarenta e oito entrevistas sociolinguísticas do BDSer. Diferentemente de Tasca (1999), as autoras verificaram que há vocalização da lateral no português falado na comunidade, e numa proporção total expressiva: 72% de aplicação da regra. Todas as variáveis controladas – idade, local de residência, sexo/gênero, tonicidade da sílaba, contexto fonológico precedente e seguinte, posição da sílaba na palavra – mostraram ter efeito sobre o processo. Favorecem a vocalização da lateral os jovens da zona urbana e do sexo/gênero feminino, as sílabas átonas pretônica e postônica, a vogal alta posterior no contexto fonológico precedente, as consoantes alta, labial e alveolar no contexto fonológico seguinte, a lateral em interior de palavra. A análise mostrou, portanto, que o processo tende a progredir na comunidade.

A revisão das três análises em tempo aparente parece sugerir que a vocalização de /l/ em coda, de aplicação baixa nos anos 1990, sofreu rápido incremento a partir de então. Vêm daí a motivação para a análise do processo em tempo real, estudo de tendência, realizada por Battisti e Moras (2016) com dados de Flores da Cunha do VARSUL e do BDSer, revisada na seção seguinte, 2.3, juntamente com o estudo de palatalização de Battisti e Dornelles Filho (2015), de mesmo desenho metodológico em termos de fontes, quantidades e tratamento de dados.

2.3 ANÁLISES DE REGRA VARIÁVEL EM TEMPO REAL, ESTUDO DE TENDÊNCIA

Battisti e Dornelles Filho (2015), na análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/, e Battisti e Moras (2016), na análise em tempo real da vocalização de /l/ em coda, utilizam dados levantados das mesmas doze entrevistas sociolinguísticas de informantes de Flores da Cunha do VARSUL realizadas em 1990 e das doze do BDSer realizadas de 2008 a 2009 nesse município, num total de vinte e quatro entrevistas. Como a estratificação etária é diferente nesses dois bancos – os informantes do VARSUL distribuem-se em dois grupos etários, os do BDSer, em quatro – consultou-se a Ficha Social dos informantes e, com base na idade declarada no momento das entrevistas, conseguiu-se chegar a três grupos etários (25 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60

ou mais anos) compatíveis nos dois bancos, distribuindo-se os informantes por sexo/gênero (masculino e feminino).

No estudo da palatalização (Battisti e Dornelles Filho 2015), os dados levantados das vinte e quatro entrevistas foram codificados conforme as seguintes variáveis: (a) Dependente: palatalização de /t d/ desencadeada por vogal anterior alta subjacente /i/ (*tia*~[tʃia, *dia*~[dʒia) ou por [ɪ] derivado de /e/ em sílaba átona (*gente*~gen[tʃi], *onde*~on[dʒi]); (b) Independentes – sociais: Idade (25-39, 40-59, 60 ou mais anos) e Sexo/Gênero (feminino, masculino); Independentes – linguísticas: Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, *Status* da Vogal Alta, Qualidade da Consoante-Alvo, Posição da Sílaba na Palavra, Tonicidade. Os dados foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, versão Goldvarb X. Os resultados vão nas Tabelas 1 e 2, para variáveis selecionadas pelo programa nas rodadas de dados de ambos os bancos.

VARFUL (1990)			
Input: 0,37			
Proporção total: 41,7%			
N total (ocorrências): 4.710			
	Peso relativo	%	N
<i>Status da vogal alta</i>			
Vogal alta fonológica /i/ (<i>tia</i>)	0,63	52	2.687
Vogal alta fonética [i] (<i>gent[i]</i>)	0,32	27	2.023
<i>Qualidade da consoante-alvo</i>			
Consoante desvozeada /t/ (<i>tia</i>)	0,59	47	2.457
Consoante vozeada /d/ (<i>dia</i>)	0,39	35	2.253
<i>Idade</i>			
25-39 anos	0,59	45	1.235
40-59 anos	0,49	43	2.325
60 ou mais anos	0,41	36	1.150
<i>Sexo/Gênero</i>			
Feminino	0,78	65	2.415
Masculino	0,20	17	2.295

Tabela 1: Grupos de fatores selecionados na análise da palatalização variável de /t/ e /d/ no português falado em Flores da Cunha (RS), dados do VARFUL

Fonte: Adaptado de Battisti e Dornelles Filho (2015)

BDSer (2008-2009)			
Input: 0,53			
Proporção total: 51,7%			
N total (ocorrências): 3.234			
	Peso relativo	%	N
<i>Status da vogal alta</i>			
Vogal alta fonológica /i/ (<i>tia</i>)	0,61	64	1.801
Vogal alta fonética [i] (<i>gent[i]</i>)	0,36	35	1.438
<i>Qualidade da consoante-alvo</i>			
Consoante desvozeada /t/ (<i>tia</i>)	0,57	54	1.750
Consoante vozeada /d/ (<i>dia</i>)	0,41	49	1.484
<i>Idade</i>			
25-39 anos	0,82	73	1.465
40-59 anos	0,21	34	821
60 ou mais anos	0,21	33	948
<i>Sexo/Gênero</i>			
Feminino	0,62	59	1.978
Masculino	0,31	40	1.256

Tabela 2: Grupos de fatores selecionados na análise da palatalização variável de /t/ e /d/ no português falado em Flores da Cunha (RS), dados do BDSer

Fonte: Adaptado de Battisti e Dornelles Filho (2015)

A análise confirmou o que os estudos em tempo aparente haviam captado: a aplicação da palatalização vem sendo incrementada com o passar do tempo, o que caracteriza variação na mudança em progresso. Tanto o valor de *input* (0,37 no VARSUL, 0,53 no BDSer) quanto a proporção total de aplicação da regra (41,7% no VARSUL, 51,7% no BDSer) aumentaram. Os jovens seguem condicionando a palatalização (0,59 no VARSUL, 0,82 no BDSer). As variáveis linguísticas condicionadoras são *Status* da Vogal Alta e Qualidade da Consoante-Alvo, em seus fatores vogal alta fonológica e consoante-alvo desvozeada, respectivamente; e as variáveis sociais Idade e Sexo/Gênero, em seus fatores 25 a 39 anos e feminino.

Exceto pelos valores de peso relativo obtidos para os fatores das variáveis *Status* da vogal alta e Idade, que se distanciaram, os valores dos pesos relativos dos fatores das demais variáveis aproximaram-se, sugerindo a possibilidade de, futuramente, seus efeitos opostos virem a se desfazer com o incremento da palatalização. Já os efeitos de vogal alta fonológica /i/ (condicionador) e vogal alta fonética/derivada [i] (desfavorecedor), distanciados na amostra mais recente, parecem estar contribuindo para estabelecer o sotaque local, com palatalização por

/i/, mas não por [i] derivado de /e/ átono, o que contribui para distinguir o português falado em Flores da Cunha de outras variedades gaúchas e brasileiras.

Chamam atenção os resultados da variável Sexo/Gênero. Os pesos relativos obtidos na análise dos dados VARSUL e BDSer apontam o fator feminino como condicionador da palatalização em Flores da Cunha. No entanto, as proporções de aplicação do fator masculino são significativas: houve aumento de 17% para 40% de aplicação da regra pelo fator masculino da amostra do VARSUL para a do BDSer, e diminuição de 65% para 59% de palatalização pelo fator feminino. Os resultados da análise estatística complementar empreendida no presente estudo (ver seções 3 e 4) auxiliarão a discutir e interpretar esse padrão.

No estudo da vocalização (Battisti e Moras 2016), os dados levantados das vinte e quatro entrevistas foram codificados conforme as seguintes variáveis: (a) Dependente: vocalização de /l/ em coda silábica (*almoço~a[w]moço*, *futebol~futebo[w]*); (b) Independentes – sociais: Sexo/gênero (masculino e feminino) e Idade; linguísticas: Contexto fonológico precedente, Contexto fonológico seguinte, Tonicidade da sílaba, Posição da lateral. Os dados foram submetidos ao programa RBrul (Johnson 2015). Os resultados estão nas Tabelas 3 e 4, para variáveis selecionadas pelo programa nas rodadas de dados dos dois bancos.

VARFUL (1990)			
Input: 0,055			
Proporção total: 12%			
N total (ocorrências): 1248			
	Peso relativo	%	N
Idade			
25-39 anos	0,87	33	381
60 ou mais anos	0,31	3	311
40-59 anos	0,25	2	554
Contexto fonológico seguinte			
Pausa	0,69	21	120
Consoantes labiais (<i>culpa, talvez, gol feio</i>)	0,69	20	284
Vogais posteriores (<i>sol alto</i>)	0,48	10	72
Consoantes altas (<i>folga, balcão, mil chaves</i>)	0,47	9	168
Consoantes alveolares (<i>volta, calça, tal nome</i>)	0,42	8	494
Vogais anteriores (<i>mal educado</i>)	0,25	4	108
Tonicidade			
Tônica (<i>parreiral, adulto</i>)	0,71	15	602
Pretônica (<i>faculdade, algum</i>)	0,58	11	433
Postônica (<i>difícil, agradável</i>)	0,52	6	92
Monossílabo tônico (<i>sal, mil</i>)	0,21	0,8	119

Tabela 3: Grupos de fatores selecionados na análise da vocalização variável de /l/ em coda silábica no português falado em Flores da Cunha (RS), dados do VARSUL

Fonte: Adaptado de Battisti e Moras (2016)

BDSer (2008-2009)			
Input: 0,780			
Proporção total: 77%			
N total (ocorrências): 918			
	Peso relativo	%	N
Idade			
25-39 anos	0,86	92	463
40-59 anos	0,64	78	191
60 ou mais anos	0,08	53	264
Contexto fonológico seguinte			
Consoantes labiais (<i>culpa, talvez, gol feio</i>)	0,65	86	196
Consoantes altas (<i>folga, balcão, mil chaves</i>)	0,56	85	116
Vogais posteriores (<i>sol alto</i>)	0,55	83	53
Pausa	0,47	70	85
Vogais anteriores (<i>mal educado</i>)	0,40	70	87
Consoantes alveolares (<i>volta, calça, tal nome</i>)	0,36	84	385
Tonicidade			
Pretônica (<i>faculdade, algum</i>)	0,61	85	275
Postônica (<i>difícil, agradável</i>)	0,56	82	73
Tônica (<i>parreiral, adulto</i>)	0,44	75	448
Monossílabo tônico (<i>sal, mil</i>)	0,39	70	122

Tabela 4: Grupos de fatores selecionados na análise da vocalização variável de /l/ em coda silábica no português falado em Flores da Cunha (RS), dados do BDSer

Fonte: Adaptado de Battisti e Moras (2016)

Diferentemente de estudo anterior (Tasca 1999) sobre a realização de /l/ em coda com dados VARSUL, a análise de Battisti e Moras (2016) revelou haver vocalização de /l/ em coda silábica em Flores da Cunha em 1990, na proporção total de 12%. O processo progrediu na comunidade em vinte anos e, em 2008-2009 (dados BDSer), atingiu uma proporção relativamente alta, de 77%.

O padrão de vocalização variável da lateral em coda se modificou no período, principalmente no que diz respeito às variáveis linguísticas. O processo é condicionado pelos falantes jovens tanto em 1990 quanto em 2008-2009, mas, em relação à tonicidade da sílaba, as tônicas deixam de ter papel no período mais recente, como também aumentam os efeitos fonotáticos do contexto fonológico seguinte.

Chama atenção nesses resultados o incremento abrupto da aplicação da regra. O caráter pouco gradual do progresso da vocalização de /l/ em coda em Flores da Cunha sugere que o avanço não se explique apenas como mudança geracional (ver seção 1), seja efeito também de mudanças ocorridas na comunidade de fala que afetam o desempenho individual.

Das análises em tempo real de Battisti e Dornelles Filho (2015) e Battisti e Moras (2016), ficam, então, as seguintes questões: por que, na palatalização, a proporção da aplicação da regra pelo fator feminino diminuiu e pelo masculino aumentou? Na vocalização, que mudanças na comunidade justificariam a implementação e grande progressão da regra em vinte anos? A análise estatística complementar traz resultados que auxiliam a responder e discutir essas questões.

3. METODOLOGIA

Consultaram-se as Fichas Sociais de doze informantes do VARSUL e de doze informantes do BDSer de Flores da Cunha, os mesmos vinte e quatro informantes de cujas entrevistas sociolinguísticas levantaram-se os dados para as análises (quantitativas) em tempo real, estudo de tendência, realizadas por Battisti e Dornelles Filho (2015) e Battisti e Moras (2016). Buscou-se a idade declarada pelo informante no momento da entrevista. Seguindo o pressuposto da mudança geracional, tomou-se (arbitrariamente) a idade de quinze anos como aquela em que o sistema fonológico se estabiliza e calculou-se o ano em que cada informante tinha quinze anos.

Com essas informações, e utilizando-se as proporções individuais de palatalização de /t/ e /d/ e de vocalização de /l/ em coda verificadas por Battisti e Dornelles Filho (2015) e Battisti e Moras (2016), respectivamente, procedeu-se a uma regressão logística das proporções de aplicação da palatalização e da vocalização em função da idade de estabilização.

Testou-se também a hipótese de que, conforme o pressuposto da assimetria da transmissão linguística, mulheres estariam sempre à frente dos homens no percurso de avanço da regra na comunidade. Para tanto, procedeu-se à regressão logística das proporções de aplicação da palatalização e da vocalização em função da idade de estabilização com estratificação por sexo/gênero.

A análise de regressão logística utilizou o procedimento padrão: minimizou-se a função de máxima verossimilhança pelo método de Newton (Pampel 2000). Criou-se um algoritmo para tanto, implementado em MATLAB¹² por Dornelles Filho (2009).

¹² MATLAB, acrônimo de Matrix Laboratory, é um *software* de computação matemática. Disponível em: <http://www.mathworks.com>. Acesso em: 27 de agosto de 2016.

4. RESULTADOS

Os resultados da análise estatística complementar estão nas Figuras de 1 a 4.

Considerando-se as proporções e aplicação das regras pelos vinte e quatro informantes (VARFUL e BDSer), buscou-se verificar a proporção estimada de aplicação de palatalização (Figura 1) e de vocalização (Figura 2) à época em que se estabilizou o sistema fonológico dos informantes de ambos os bancos conjuntamente.

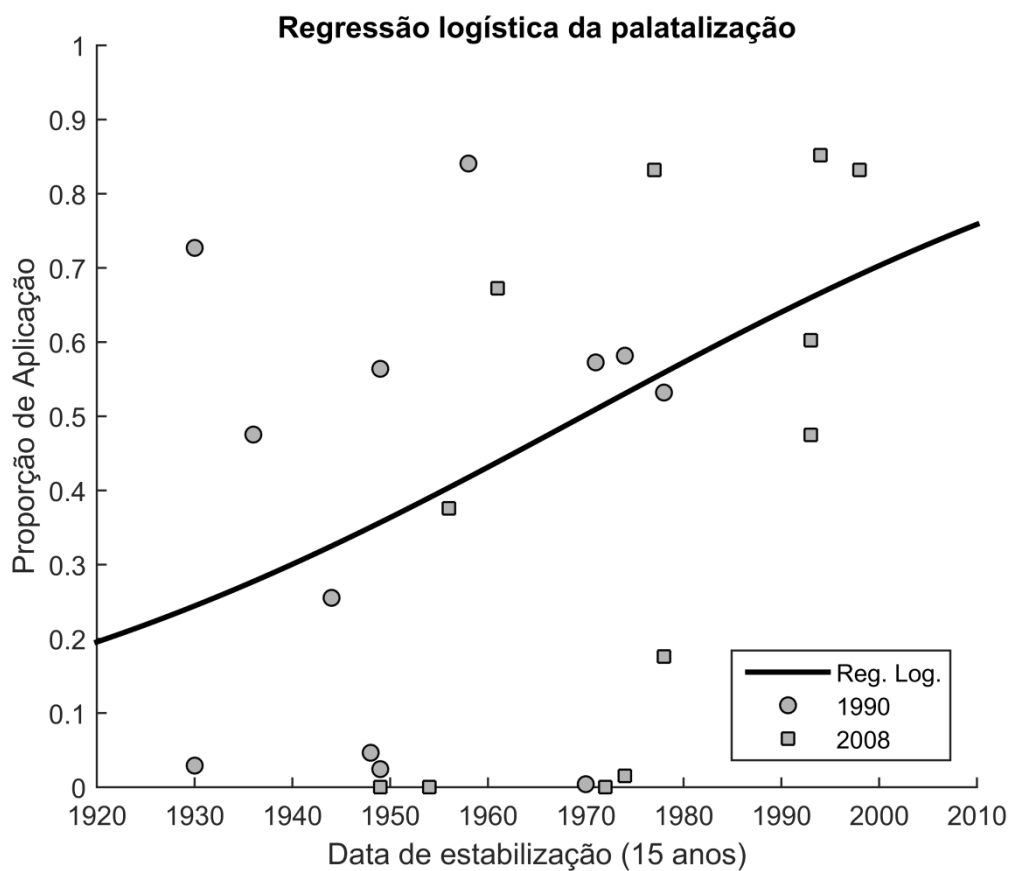


Figura 1: Regressão logística da aplicação de palatalização de /t/ e /d/ em função da data de estabilização linguística do informante (dados totais)

Fonte: Battisti e Dornelles Filho (2015)

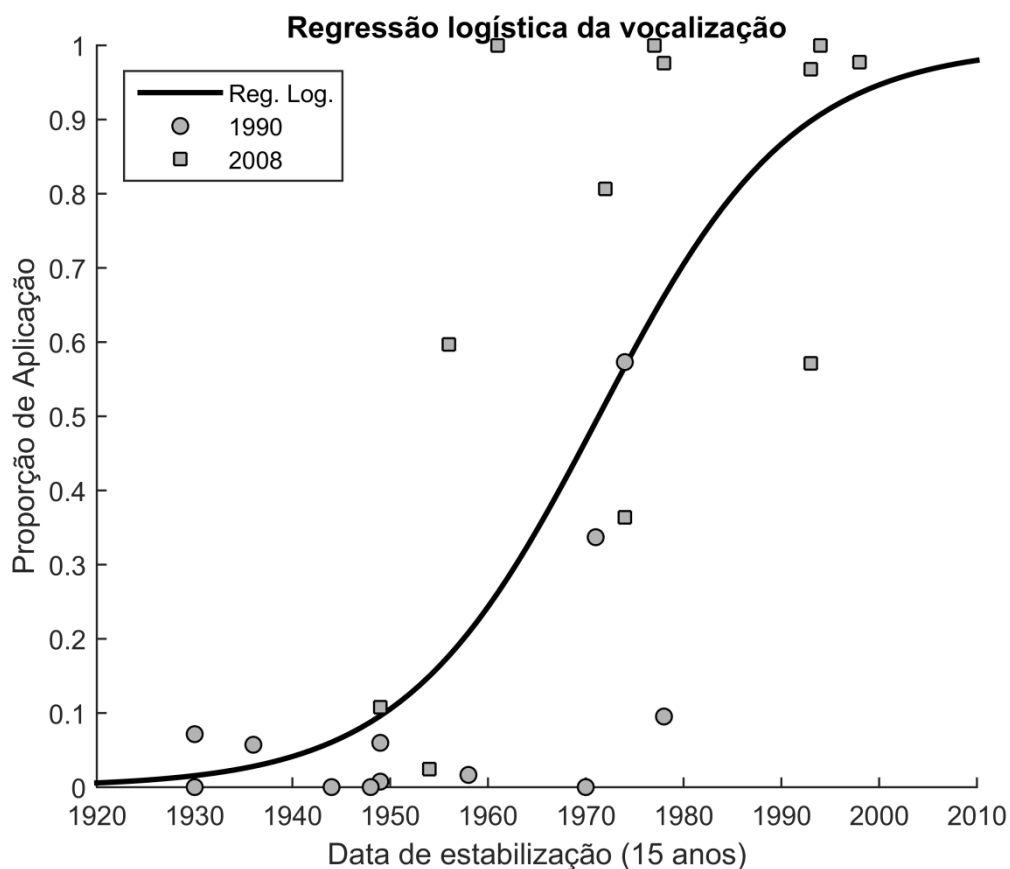


Figura 2: Regressão logística da aplicação da vocalização de /l/ em função da data de estabilização linguística do informante (dados totais)

Fonte: Os Autores

Nas Figuras 1 e 2, as curvas de regressão são crescentes, revelando que as proporções de aplicação tanto da palatalização quanto da vocalização aumentam com o passar do tempo. No entanto, há uma diferença relevante entre elas. Verifica-se alguma aplicação da palatalização pelos informantes em torno de 1930 (Figura 1), quando tinham quinze anos. Já a vocalização pelos informantes nessa idade e período é praticamente nula (Figura 2). Ambos os processos progridem a valores expressivos, mas a curva de vocalização tem uma inclinação mais acentuada do que a curva de palatalização. Em outras palavras, o processo de vocalização avança mais rapidamente do que o de palatalização no mesmo período.

Os padrões distintos de variação e mudança dos dois processos sugerem que a palatalização siga a mudança geracional (incremento gradual nas proporções de aplicação da regra de geração a geração, ver seção 1). Já o padrão da vocalização parece ser outro, talvez com mudanças intraindividuais, além das geracionais. É o

que o padrão de mudança comum (ver nota 7) prevê. A regressão logística em função da idade de estabilização com estratificação por sexo/gênero (Figuras 3 e 4) contribui na discussão desses padrões de mudança.

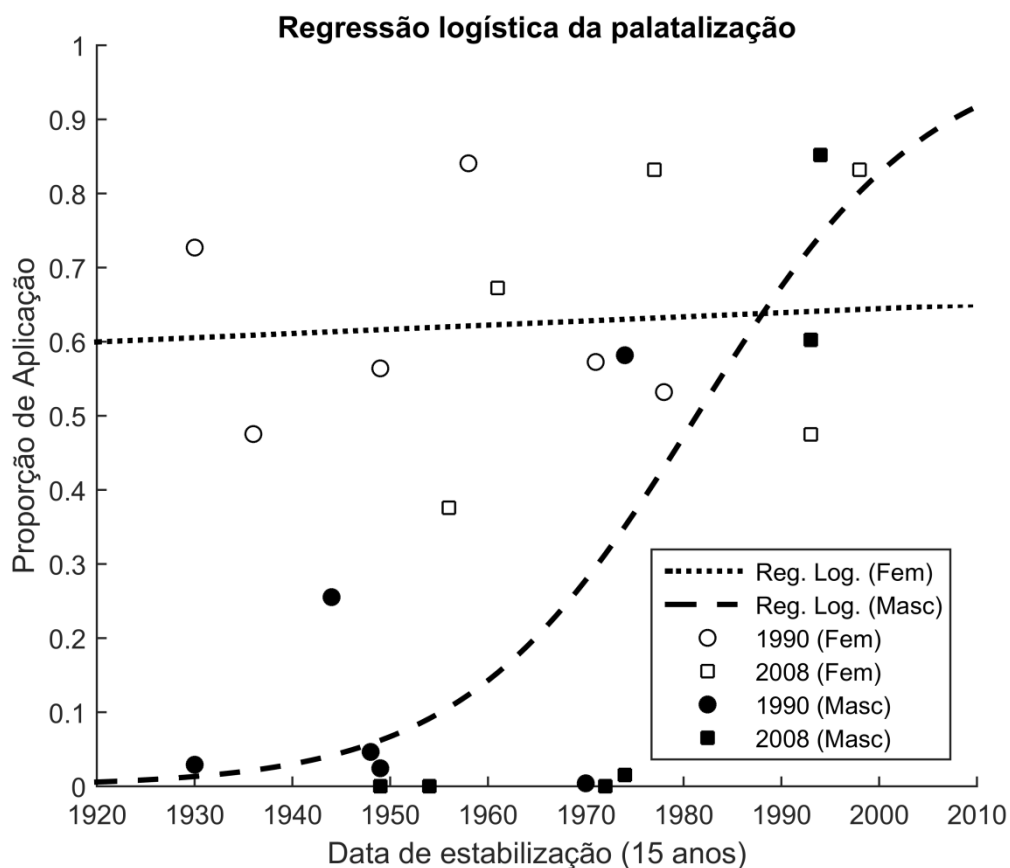


Figura 3: Regressão logística da aplicação de palatalização de /t/ e /d/ em função da data de estabilização linguística do informante com estratificação por sexo/gênero

Fonte: Battisti e Dornelles Filho (2015)

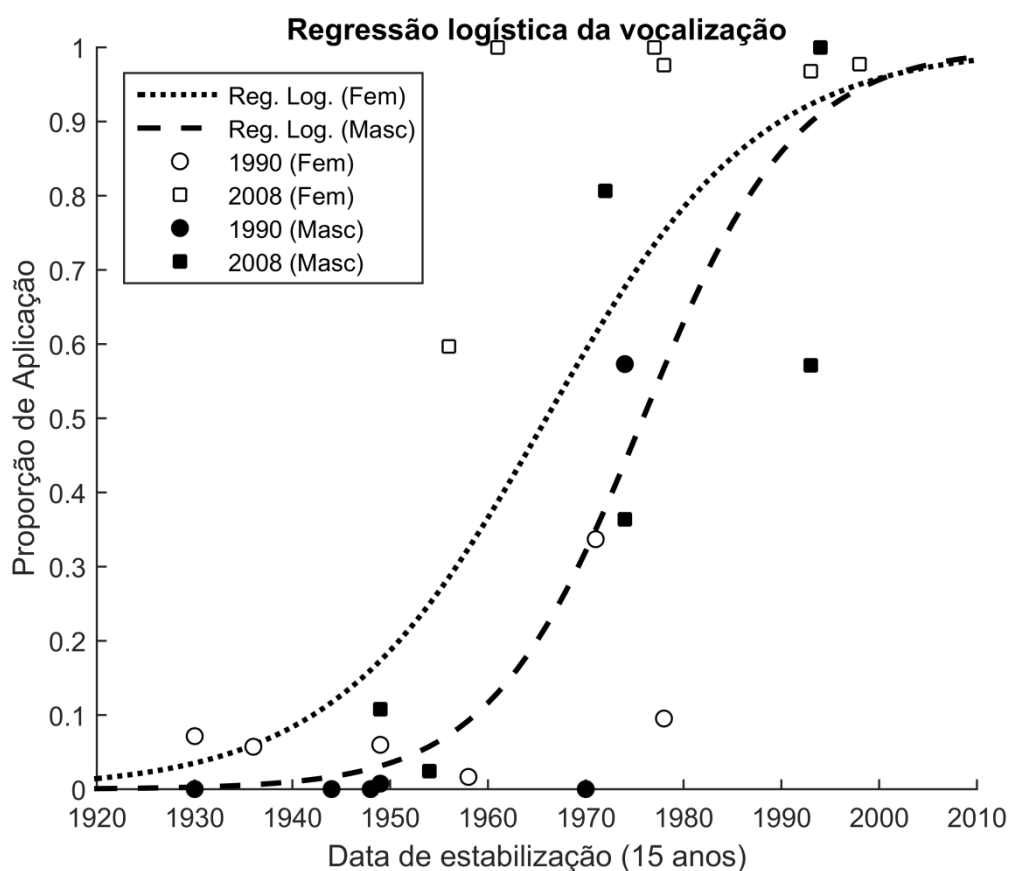


Figura 4: Regressão logística da ocorrência da vocalização de /l/ em função da data de estabilização linguística do informante com estratificação por sexo/gênero

Fonte: Os Autores

Na Figura 3, as curvas de regressão para homens e mulheres são bastante distintas. Enquanto a proporção de palatalização para as mulheres é praticamente constante, a proporção de palatalização para os homens cresce acentuadamente. A proporção de palatalização masculina é inicialmente inferior à feminina, mas cresce rapidamente, e tende a superar a feminina com o passar do tempo.

A linha de regressão pontilhada na Figura 3 mostra que a aplicação da regra pelo fator feminino se mantém relativamente estável ao longo do período analisado. A linha de regressão contínua representa o rápido aumento da palatalização pelo fator masculino entre os anos 1950 e 1990. Se houve progressão da regra por sexo/gênero, ela ocorreu na fala masculina. É o que o pressuposto da assimetria na transmissão linguística prevê, mas apenas em parte. Possivelmente, diferentemente das mulheres, os homens não tenham se mantido estáveis em seu padrão de fala na idade adulta, o que, por sua vez, pode ter decorrido de mudanças na comunidade.

Já na Figura 4, as curvas de regressão apresentam comportamento mais similar, isto é, a proporção de vocalização de homens e mulheres cresce de forma semelhante, embora a proporção de vocalização feminina se mantenha superior à masculina ao longo do tempo. Esse padrão se conforma ao pressuposto da assimetria na transmissão linguística. Mais recentemente, no entanto, à medida que a proporção total de vocalização na comunidade aumenta, a distinção por sexo/gênero na vocalização tende a se desfazer.

Uma pergunta que as análises de regressão sugerem diz respeito à possível associação entre os processos, já que ambos evoluem no mesmo sentido, o do incremento nas proporções de aplicação. Os indivíduos que mais palatalizam são também os que mais vocalizam?

Realizada a análise da associação entre palatalização e vocalização, verificou-se que existe uma correlação positiva entre a proporção de palatalização e a proporção de vocalização ($\rho = 0,4192$, $n = 24$, $P=0,0414$)¹³ em termos gerais. No entanto, a análise de associação por sexo/gênero não segue essa linha. Analisada a correlação palatalização-vocalização apenas entre homens, verifica-se uma correlação positiva mais forte ($\rho = 0,6934$, $n = 12$, $P = 0,0124$). Já na análise da associação dos processos apenas entre as mulheres, não se verifica correlação ($\rho = -0,0857$, $n = 12$, $P = 0,7911$), pois a proporção de palatalização nesse grupo é praticamente constante.

Esses resultados mostram que os processos de palatalização e vocalização, embora correlacionados e em progresso no português de contato, avançam em padrões distintos, muito provavelmente pelo efeito de variáveis diferenciadas. Tanto no padrão de mudança geracional quanto no de mudança comum, há instabilidade na comunidade, o que pode derivar de alterações na estrutura social. Tal hipótese foi explorada por Battisti e Moras (2016) na interpretação dos resultados da análise em tempo real, estudo de tendência, da vocalização de /l/ em coda no português falado em Flores da Cunha.

As autoras, que consultaram fontes como Oliveira (1992) e consideraram dados sócio-econômicos e demográficos disponibilizados pelo IBGE (2015), observaram ter havido incremento nas atividades econômicas urbanas e na população dessa área de 1990 a 2009 (Figuras 5 e 6), período entre a realização das entrevistas sociolinguísticas do VARSUL e do BDSer.

¹³ ‘ ρ ’ é o coeficiente de correlação (no intervalo de -1 a 1), ‘ n ’ é o tamanho da amostra (vinte e quatro informantes) e ‘ P ’, a significância do teste (no intervalo de 0 a 1).

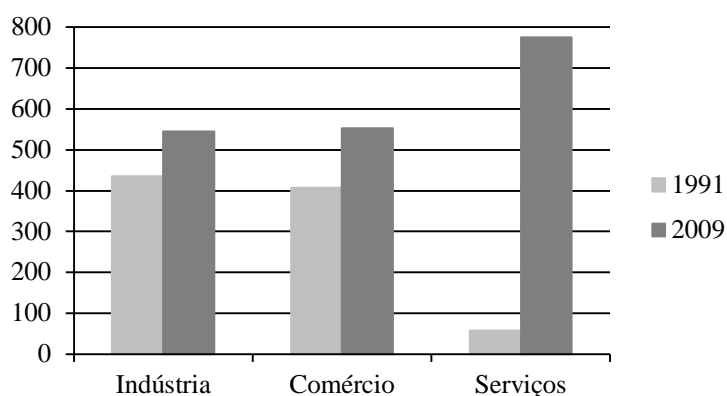


Figura 5: Alguns setores econômicos em Flores da Cunha

Fonte: Battisti e Moras (2016)

Em 1991, estavam registradas em Flores da Cunha 901 empresas, distribuídas entre indústria, comércio e serviços. Em 2009, 1.893 empresas estavam registradas, com um aumento significativo no setor de serviços, muito provavelmente fomentado pelo aumento da densidade populacional urbana.

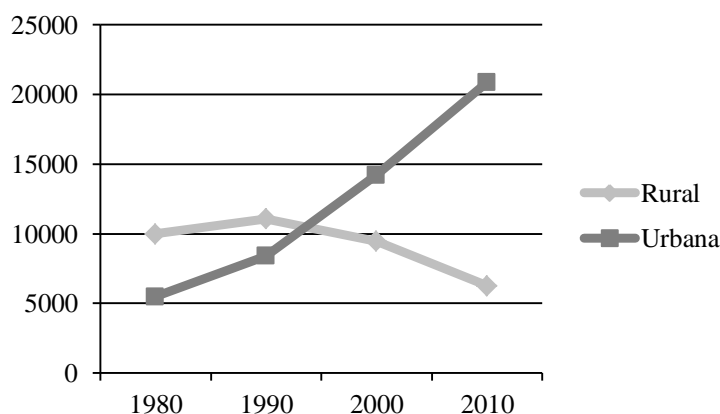


Figura 6: Número de habitantes de Flores da Cunha

Fonte: Battisti e Moras (2016)

Além do aumento populacional – de 17.181 habitantes em 1991 para 27.126 em 2010 – houve diminuição dos moradores da Zona Rural e aumento considerável de habitantes na Zona Urbana.

Segundo Battisti e Moras (2016), essas alterações na estrutura social têm impacto sobre as práticas sociais cotidianas, principalmente aquelas que põem as pessoas em contato e, assim, propiciam a difusão de variantes inovadoras. É o que parece ter ocorrido em vinte anos na zona urbana de Flores da Cunha, que passou de

um pequeno aglomerado (1990) para um núcleo mais denso (2008-2009), com atividades econômicas diversificadas, que absorveram o excedente de mão-de-obra rural, ampliando o espaço de atuação profissional, dando maior mobilidade territorial aos florenses e, assim, propiciando maior contato interindividual, inclusive com pessoas de fora da comunidade.

Nesse sentido, é possível pensar que o recente processo de urbanização tenha tido impacto no português falado em Flores da Cunha. A instabilidade individual por ele gerada fomentou processos de variação e mudança que já vinham avançando geracionalmente, como a palatalização de /t/ e /d/, principalmente entre os homens; e também processos incipientes no português de contato, como a vocalização de /l/ em coda, cujo avanço significativo vem acompanhando as grandes mudanças sociais.

5. CONCLUSÃO

Tanto a retomada de análises em tempo real, estudo de tendência (Battisti e Dornelles Filho 2015, Battisti e Moras 2016) quanto a análise estatística complementar realizada neste trabalho confirmam o avanço dos processos variáveis de palatalização de /t/ e /d/ e de vocalização de /l/ em coda no português falado em Flores da Cunha (RS). Essa comunidade representa aquelas onde o contato do português com línguas de imigração é relativamente recente – iniciou-se há cerca de 140 anos, no caso desse município.

Embora hoje ainda existam falantes bilíngues de português-dialetos italianos (idosos, em número reduzido) e o português local guarde traços do contato, esses traços vêm desaparecendo, ao passo que progridem aqueles resultantes de processos já avançados no português de outras comunidades brasileiras, onde o monolinguismo prevalece.

Os processos de variação e mudança fônica em comunidades como Flores da Cunha (RS) acompanham a urbanização. A passagem de atividades rurais a urbanas tem impacto na vida das pessoas, em seus padrões de interação social e de fala. Aqueles que seriam traços atribuíveis à cultura tradicional, ligada às raízes étnicas italianas e voltada às atividades rurais, como as marcas do contato com os dialetos italianos, vêm dando espaço a formas inovadoras, como as vocalizadas e palatalizadas.

Os padrões de variação e mudança dos processos de palatalização e de vocalização captados em tempo real são distintos. O padrão é predominantemente geracional no caso da palatalização, e de mudança comum, no caso da vocalização, considerando-se os dados totais. Estratificados por gênero, os padrões mostram-se distintos, mas relativamente conformes ao pressuposto da assimetria na transmissão linguística.

A análise estatística, que tomou quinze anos como idade de estabilização do sistema fonológico individual, é apenas uma hipótese de trabalho. Mostrou-se reveladora, mas merece ser avaliada e aprimorada em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha: uma análise quantitativa*. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – PUCRS, Porto Alegre.

BATTISTI, Elisa et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista virtual de estudos da linguagem – REVEL*.v.5, n.9, agosto de 2007.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha: variação linguística e práticas sociais. *Alfa: Revista de Linguística*, v.56(2), segundo semestre de 2012.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista da ABRALIN*, v.14, n.1, p. 221-246, jan./jun. 2015.

BATTISTI, Elisa; MARTINS, Luisa Bitencourt. A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas. *Cadernos do IL*, n.42, 2011, p.146-158.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane. T. Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS). *Caderno de Letras - UFPEL*, n.24, 2015.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane. T. A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. *Gragoatá*, Niterói, n. 40, p. 90-112, 1. sem. 2016.

- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p.107-124, 1991.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CLEMENTS, George N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, n.2, 1985. p.225-252.
- COLLISCHONN, Gisela. Vocalização de L. In: BISOL, Leda; BATTISTI, Elisa. (Orgs.). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 89-104, 2014.
- Dal MAGO, Diane. Comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país. *Working papers em Linguística*, UFSC, n.2, julho-dezembro, 1998.
- De LACY, P. *Markedness: Reduction and preservation in phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DORNELLES FILHO, Adalberto A. *A regressão logística aplicada a um estudo de caso*. 2009. 39. f. Trabalho de conclusão de curso. (Especialização em Estatística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.
- ECKERT, P. *Language variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina M.; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: Um caso de contato linguístico e cultural. In: In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.317-347.
- GOLDSMITH, John. *Autosegmental phonology*. Tese (Doutorado). Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.
- GOLDSMITH, John. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- HARRINGTON, Jonathan. An acoustic analysis of 'happy-tensing' in the Queen's Christmas broadcasts. *Journal of Phonetics*, n.34, 2006. p.439-457.
- HORA, D. da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.
- HORA, D. da. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear. *D.E.L.T.A.*, v.9, n.2, 1993. p.175-193.

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/233Bo>. Acesso em: 01 de novembro de 2015.
- JOHNSON, Daniel E. *Rbrul version 2.3*. Outubro de 2015. Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com>. Acesso em: 04 de novembro de 2015.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: Social factors*. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors*. Oxford, Wiley-Blackwell, 2010.
- MATTÉ, Gabriel D. A palatalização variável de /t, d/ em Caxias do Sul. *Cadernos do IL*, n.38, junho de 2009. p.43-55.
- MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. O contato intraindivíduo: Aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.461-477.
- OLIVEIRA, A. W. Perfil sócio-econômico de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Degráfica Impressos, 1992.
- PAMPEL, Fred C. *Logistic Regression: A Primer*. (Quantitative applications in the social sciences, v. 132) Thousand Oaks, USA: Sage publications, 2000.
- QUEDNAU, Laura R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua Portuguesa)) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.13-56.
- TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.